How the Korean Question Has Become Internationalized 1

ORIGIN OF THE KOREAN QUESTION

KFA-BR
2020

PYONGYANG, KOREA
JUCHE 107 (2018)

ORIGEM DA QUESTÃO COREANA

Traduzido e Publicado pela Associação de Amizade com a Coreia em junho de Juche 109(2020) com base no original da Edição em Línguas Estrangeiras da RPDC de Juche 107(2018)

Prefácio

Desde os primeiros dias de sua emersão do mar de sangue dos índios americanos, os EUA travaram guerras incessantes de conquista com a ambição de expansão territorial. Desde que estendeu seus tentáculos de agressão contra a Coreia no século 19, infligiu desastres e infortúnios incomensuráveis ao povo coreano nas últimas décadas.

Manobrou aberta e secretamente para internacionalizar a questão coreana em busca de sua estratégia pela hegemonia mundial.

Agora, professando ser a única superpotência do mundo, espalha boatos contra a República Popular Democrática da Coreia sob o argumento de "problema nuclear" e "proliferação de armas de destruição em massa", chamando-a de parte do "eixo do mal", "país vilão" e "posto avançado da tirania". Para isolar e sufocar o país insubmisso que aspira a independência, recorre a todos os meios possíveis para formar um cerco internacional, como abusar do nome da ONU e de outros aparelhos internacionais e colaborar com seus estados satélites.

Devido aos movimentos tenazes dos EUA para internacionalizar a questão coreana, a nação coreana teve que viver dividida em norte e sul e suportar todo tipo de provações e dificuldades por mais de meio século.

Como os EUA estão manobrando perversamente para colocar o povo coreano de joelhos internacionalizando a

questão coreana a todo custo em busca de sua estratégia pela hegemonia mundial, o conselho editorial publica este livro para fazer uma análise histórica dos movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana e expor sua natureza reacionária.

ÍNDICE

1. Inimigo Jurado da Coreia..... 1

2. Principal Alvo dos EUA 20

Posição Geopolítica da Coreia 20

A Real Intenção dos EUA 34

Suas Garras Malignas 42

1. INIMIGO JURADO DA COREIA

A agressão dos EUA contra a Coreia tem uma longa história.

Tendo realizado a transição do capitalismo para o imperialismo, alcançando a acumulação inicial forçada de capital por agressão e pilhagem, no século XIX, as potências dos EUA e da Europa converteram em suas colônias as extensas regiões da África, América, Sudeste Asiático e as margens do Pacífico. Não satisfeitos com isso, mergulharam em uma competição para capturar antes de mais ninguém a Coreia, a China sob a dinastia Qing e o Japão, que ainda estavam fora da influência de qualquer outro país.

Especialmente intensos foram os movimentos dos EUA para ocupar a Coreia. Os EUA, um retardatário nesta competição, tentou conter a intervenção de outras potências no Extremo Oriente; seus principais esforços no Extremo Oriente foram direcionados para a Coreia.

Os movimentos dos EUA estavam relacionados, em primeiro lugar, com a natureza agressiva que tinha em seu nascimento.

A história dos EUA começou em 1606, quando os anglo-saxões pisaram no solo da América do Norte, na costa do Atlântico, estabelecendo seu primeiro assentamento em Jamestown.

Desde então, os ancestrais americanos recorreram aos métodos mais agressivos e rebeldes para expandir seu

território e, em menos de meio século, conquistaram 13 estados na América do Norte após aniquilar a maioria dos milhões de índios de mais de 70 tribos.

Reprimiram brutalmente a resistência dos índios, que ocorreram entre 1675 e 1677 na Nova Inglaterra (atualmente New Hampshire, Massachusetts etc.), e declararam independência em 4 de julho de 1776.

Após a independência, os EUA embarcaram no caminho da expansão territorial.

Abrangeu apenas 13 estados ao longo da costa do Atlântico e expandiu seu território ocupando as vastas áreas a leste do Mississippi por meio de uma guerra com a Grã-Bretanha (1776-1783).

Em 1803, comprou da França a Louisiana a um preço de alguns centavos por acre, e em 1819 adquiriu a Flórida da Espanha.

Mais tarde, levou o Texas, parte do território mexicano, em 1845, Oregon, uma colônia britânica, em 1846, e Califórnia, Nevada, Utah, Arizona e Colorado, sucessivamente, a uma guerra com o México em maio de 1848. Em 1853, levou o território norte do México, áreas a oeste do Mississippi, expandindo seu território para a costa do Pacífico.

Foi dentro dos limites da possibilidade que os EUA, que surgiram e se desenvolveram com a natureza agressiva, esticaram seus tentáculos de agressão contra a Coreia.

Os EUA estavam de olho na Coreia por conta da importância de sua posição estratégica.

A Coreia, que é rica em recursos naturais, faz fronteira com a China e a Rússia e fica próxima ao Japão. Está ligada a estradas terrestres e rotas marítimas para qualquer

lugar do continente asiático e do Pacífico.

Para os EUA, a península coreana poderia ser um bom trampolim para seu avanço fácil para os outros países asiáticos. Por isso, deu importância primordial à ocupação da Coreia em seu avanço para o nordeste da Ásia. Isto é evidenciado pela observação do então ministro dos EUA na Rússia, que disse: "Para lograr o domínio político e econômico do nordeste asiático no futuro, devemos estabelecer uma base de apoio para nossas forças navais e terrestres; para esse lugar, devemos ocupar antes de tudo a Ilha Komun, no Mar do Sul da Coreia, um lugar tão importante quanto Gibraltar".

Entrando no século XIX, os EUA recorreram a todos os meios para invadir a Coreia – invasão armada, ideológica, cultural e econômica.

Primeiro, designou a Coreia como alvo de agressão.

A indústria moderna estadunidense exigia mercado externo não para comércio intermediário, mas para vender seus produtos.

Através da contínua infiltração de navios mercantes nas áreas costeiras do nordeste da Ásia, através dos oceanos Atlântico e Índico, os estadunidenses passaram a conhecer os recursos subterrâneos e outros recursos naturais abundantes na Coreia, e viram-na como um mercado adequado para suas commodities. Ao entrar na década de 1830, começaram a abrigar uma ambição pela invasão da Coreia e intensificaram os preparativos para este fim.

Em 1832, o governo estadunidense encarregou Edmond Roberts, um oficial especial que estava em viajem ao Oriente para impor tratados desiguais aos países do sudeste asiático, para investigar o quanto antes a

possibilidade de invadir a Coreia. Em seu retorno aos EUA, Edmond escreveu em seu relatório ao Secretário de Estado, datado de 13 de maio de 1834, que havia uma possibilidade prática de abrir um caminho para o comércio com a Coreia.

Enquanto isso, os capitalistas estadunidenses que negociavam ópio no Oriente chegaram a tramar uma conspiração para que um missionário alemão se infiltrasse na Coreia para pavimentar por si próprio um caminho para a agressão.

Mais tarde, em fevereiro de 1845, Flat, membro da Câmara de Representantes do Congresso e presidente de sua Comissão de Estatística e presidente do Comitê Naval da Câmara de Representantes, apresentou um plano de forçar a Coreia a abrir seus portos e mercados.

Flat não foi o primeiro nos EUA a conceber essa ideia.

Muitos já haviam exigido que a Coreia fosse ocupada o mais rápido possível. Eram belicistas, especialmente diplomatas residentes em países vizinhos da Coreia e piratas que navegavam pelo Estreito da Coreia.

Agora, o astuto Flat achava que já era hora de essas demandas se refletirem na política dos EUA. Isso levou à elaboração de um projeto de plano a ser submetido ao Congresso.

Discursando em uma reunião da Câmara de Representantes, realizada em 12 de fevereiro em Washington, Flat enfatizou que era hora de aguçar o apetite dos comerciantes e marinheiros dos EUA pelos portos e mercados coreanos, acrescentando que a Coreia era bastante necessária não apenas para seus negócios, mas também para o interesse universal dos EUA no Extremo Oriente, e exigiu medidas rápidas para esse fim.

No entanto, este plano teve que ficar na gaveta por causa da guerra com o México (1846-1848).

Após expandir seu território para a costa do Pacífico, conquistando vastas áreas durante a guerra com o México, os EUA, entrando na década de 1850, voltaram a olhar para a Coreia.

Naquele tempo, viajar dos EUA para a Ásia exigia cruzar o Oceano Atlântico, dar a volta no continente africano e continuar até o Oceano Índico. Mas a possibilidade de alcançar a Ásia diretamente pelo Oceano Pacífico favoreceu mais os EUA que as outras potências ocidentais na invasão do Extremo Oriente.

Portanto, naqueles dias, em razão de seu desejo em assegurar um mercado de bens para seus produtos e também para avançar sobre o continente asiático, os EUA cultivaram ambições em estabelecer uma base para suas viagens através do Oceano Pacífico. Com os padrões técnicos de seus navios a vapor de então era impossível cruzar o Oceano partindo de São Francisco até Xangai de uma só vez.

Foi assim que surgiu entre as autoridades estadunidenses um plano para criar uma base logística na Coreia.

De acordo com Katsu Kaishu, um japonês que registrou o que ouviu falar nos EUA em 1849: “os EUA cobiçaram Pusan na Coreia e queriam criar ali um depósito de carvão para sua travessia de São Francisco a Xangai”.

Tal relato tem seus fundamentos evidenciados por uma recomendação que um membro dos círculos capitalistas estadunidenses daquele tempo submeteu ao presidente de seu país. A recomendação assinala:

“Nós temos que obter a primazia em Xangai. Esse porto tem uma localização favorável e ancoragem segura para as maiores embarcações. Situado perto da foz de um grande rio chamado Yang-Tzé, encontra-se a apenas dois dias de viagem da Coreia e do Japão. Isso tudo dá origem ao direito preferencial de todos os portos chineses no que diz respeito ao comércio com a Coreia e o Japão e, especialmente, com depósitos de carvão e locais de convocação para a nova rota marítima de navios americanos do Panamá para a China.”

Além disso, os EUA tentaram descaradamente coagir e invadir a Coreia mediante o uso da força armada.

Desde 1830, os estadunidenses se apressaram em ocupar a Coreia para fazer dela um trampolim para a invasão do continente asiático. Essa política ganharia impulso quando a burguesia industrial assumisse o efetivo poder do país após a Guerra de Secessão (1861-1865). Com o rápido desenvolvimento do capitalismo após a guerra, a burguesia demandou fortemente a captura do maior número de mercados no exterior.

Consequentemente, a partir de 1866, o congresso dos EUA começou a discutir a invasão da Coreia como um assunto urgente que não poderia mais ser adiado.

O imperialismo estadunidense optou por realizar seus desígnios através da força.

A intrusão do navio *General Sherman* foi o começo da agressão contra a Coreia.

Em julho de 1866, quando a França declarou guerra contra a Coreia sob o pretexto da execução de alguns de seus missionários, os EUA, julgando que a Coreia poderia estar imersa em pânico, calcularam que derrotar outras potências aproveitando-se dessa oportunidade permitiria

executar seu plano com facilidade. Então, enviaram o navio agressor *General Sherman* para a Coreia como uma escolta. Tratava-se de um navio pirata que se dedicava à pilhagem nos países do sudeste asiático, incluindo a China Qing, o Vietnã e a Tailândia.

De acordo com a publicação estadunidense intitulada *Coreia no século XIX*, o *General Sherman* foi construído em 1861 como um navio da marinha pertencente aos exércitos do Sul, com o nome *Princess Royal*. Durante a Guerra de Secessão, foi capturado pelas forças do Norte. Em 1863, foi reparado e transformado em um de guerra antes de participar de diferentes batalhas.

O *Princess Royal*, que pertenceu ao 11° distrito militar durante a guerra civil, foi rebatizado de *General Sherman*, em homenagem a William Sherman, comandante da divisão militar do Mississipi.

O navio tinha 60.085m de comprimento, 8.235m de largura e 9m de altura. Tinha um deslocamento de 600 toneladas. Era equipado com duas caldeiras, uma chaminé, dois mastros, quatro velas, vários botes e canhões. A tripulação era de dezenas.

Em agosto de 1866, o navio totalmente armado invadiu a Coreia, tendo Preston como capitão.

Quanto a isso, uma publicação estadunidense descreveu a viagem do fortemente armado navio *General Sherman* à Pyongyang como uma "missão misteriosa", já o livro *Coreia, um país ermitão* aponta que "suas estranhas armas despertaram duvidas sobre o propósito da viagem desde o dia de sua partida".

Em agosto de 1866, o *General Sherman*, partindo da China Qing, invadiu ilegalmente as águas da Coreia, navegando para a foz do rio Taedong.

Omitindo a real nacionalidade do navio e comportando-se arrogantemente, apesar dos reiterados protestos das autoridades locais do governo feudal da Coreia, os piratas ianques pediram um acordo, alegando que não poderiam retornar para casa antes de atingirem seus objetivos. Eles continuaram indo rio acima cometendo atrocidades brutais e intoleráveis casos de provocação. Subindo e descendo o Taedong, cometeram atos hostis, como medir a profundidade do rio e fazer uma incursão à ilha Turu, ao pé de Mangyongdae, onde espiaram o movimento das forças armadas de Pyongyang.

Eles ilegalmente atracaram na margem do rio em Mangyongdae para fazer o reconhecimento de uma área de 4 km até uma lagoa chamada Ogyonji e estupraram mulheres coreanas. Em 27 de agosto, invadiram de surpresa um navio que transportava um oficial do governo de Pyongyang, que estava vigiando o navio pirata na foz do rio Pothong, sequestrando ele e seus homens.

Em 28 de agosto, no pavilhão Hansa, na margem do rio Taedong, foi realizada uma conversa entre o governo de Pyongyang e um grupo do navio pirata. O lado coreano expôs e denunciou a ilegalidade dos atos e protestou contra eles, pedindo a soltura do oficial e dos outros coreanos capturados, além da retirada imediata dos piratas. No entanto, a resposta dos gangsteres norte-americanos foi atrevida, disseram que não soltariam os coreanos sequestradose nem voltariam para casa a não ser que o lado coreano lhes desse 1000 *soks* (medida de peso equivalente a 4.9629 alqueires) de arroz, além de grande quantidade de ouro, prata e *insam*.

Ao ver que suas exigências foram rejeitadas e as negociações encerradas, os agressores revelaram sua

verdadeira natureza: invadiram barcos coreanos e percorreram o rio Taedong disparando indiscriminadamente com canhões nas áreas habitadas ao longo do rio, matando cerca de 10 pessoas em poucos dias. Ao se aproximarem da ilha Yanggak, transferiram-se para outros barcos em direção ao cais Othan, na intenção de penetrar nos muros de Pyongyang.

As intrusões e barbáries cometidas pelos agressores estadunidenses provocou indignação por parte da população local.

O povo de Mangyongdae e outras partes de Pyongyang, liderado por Kim Ung U, bisavô do Presidente Kim Il Sung, e soldados afundaram o navio em setembro de 1866 mediante táticas de ataque de fogo.

Em vez de tirar a devida lição do incidente do *General Sherman*, os EUA continuaram sua agressão contra a Coreia.

Em janeiro de 1867, a embarcação naval *Wachusette* invadiu a Coreia com o objetivo de encontrar o paradeiro do *General Sherman*. Mais tarde, elaborou um plano de invadir a Coreia, despachando sua frota para Hansong com o objetivo de tomar "reparação pelos danos". Em 1868, realizou-se um debate substancial sobre uma possível invasão da Coreia. Tratava-se de desenterrar furtivamente a tumba do príncipe Namyon, pai do príncipe Taewon, que era o regente e detentor do poder real na Coreia na época, e usar os restos mortais como moeda de troca para um tratado desigual com o governo coreano.

Referindo-se a isso, um pirata judeu da Alemanha envolvido na conspiração disse: "O príncipe Taewon valoriza o túmulo de seu pai como sua própria vida; se for desenterrado furtivamente e os tesouros enterrados forem

retirados do caixão, até mesmo o regente arrogante não poderá deixar de aceitar a nossa demanda; o regente e o Governo coreano aceitarão nossa demanda por abrir o país e assinarão um tratado para recuperar os tesouros".

O roubo da tumba começou no início de abril de 1868, com a invasão de *Shenandoah*, carregando nove armas e cerca de 230 soldados no mar perto de Phungchonbu (atual distrito de Kwail) da província de Hwanghae. Navegando para cima e para baixo ao longo das costas das províncias de Phyong-an e Hwanghae na foz do rio Taedong, os agressores dispararam fuzis e canhões e perpetraram provocações, matanças, incêndios e saques.

Calculando essas que as atrocidades cometidas por *Shenandoah* atrairia a atenção dos soldados e civis coreanos, mais de 100 gangsteres ianques liderados por Jenkins, ex-intérprete do consulado-geral dos EUA em Xangai, a bordo do navio pirata *China* e com um tratado desigual que seria forçado ao Governo coreano, entrou no estuário do rio Samgyo, na baía de Asan da província de Chungchong, no dia 10 de maio, e roubou a tumba do príncipe Namyon em Kayadong, distrito de Toksan.

No entanto, o plano dos EUA de forçar um tratado desigual e fazer a Coreia abrir as portas falhou, e os agressores a bordo de *Shenandoah* e *China* recuaram em meados de maio.

Compreendendo que intrigas diplomáticas, intimidação e chantagem nunca poderiam funcionar com o governo coreano, os EUA mobilizaram colossais efetivos para uma invasão armada.

Em 1869, os EUA reforçaram sua frota asiática e, com base nela, formaram uma frota expedicionária para a Coreia. No final desse mesmo ano, o ministro dos EUA

residente na China Qing recebeu pleno poder para firmar um tratado desigual com a Coreia e nomeou o comandante da frota para a Ásia como comandante da frota expedicionária para a Coreia. Posteriormente, a frota acelerou os preparativos para a agressão, realizando exercícios de combate nas águas da China.

Concluídos os preparativos, em maio de 1871, cinco navios da marinha, incluindo o navio-almirante *Colorado* (classe de 3.425 toneladas), que carregava mais de 80 armas e 1.230 soldados, zarparam de Xangai, pararam em Nagasaki, no Japão, e chegaram à baía de Asan, no Mar Ocidental da Coreia, em 21 de maio. Essa foi a maior força armada que os EUA poderiam mobilizar para uma expedição à Coreia.

Alegando que demostrar qualquer clemência ao lidar com quaisquer governos e povos do Oriente era uma falha política, os estadunidenses invadiram o território marinho da Coreia sem nenhum aviso prévio. Passando pela Ilha Mulchi, ao sul da ilha Kanghwa, atacaram uma bateria coreana nas proximidades de Sondolmok em 1 de Junho, depois Chojijin no dia 10, e por fim, Kwangsongjin no dia 11, ambos situados na ilha Kanghwa

Contudo, devido ao espírito de defesa intransigente e a resoluta resistência do povo coreano, os agressores tiveram que se retirar vergonhosamente no dia 3 de julho.

Os EUA agiram astuciosamente para subjugar a soberania da Coreia e subordiná-la.

O exemplo mais marcante disso foi o tratado Coreia-EUA em 1882.

A agressão dos EUA contra a Coreia, que vinha ganhando importância na época, estava ligada às favoráveis condições criadas pelo Japão por terem aberto

uma rota para a invasão (No dia 3 de fevereiro de 1876, o Japão assinou o tratado de Kanghwado, de caráter desigual, com a Coreia), e de acordo com as demandas para o desenvolvimento de seu próprio capitalismo.

Naquele momento, os EUA estavam na fase inicial de transição para o imperialismo. Dando prioridade à invasão da Ásia com a sua ambição de hegemonia mundial. Em particular, a vontade de invadir a Coreia cresceu ainda mais por causa da sua localização, uma vez que o país situa-se na porta de entrada para o continente asiático.

Os EUA colocaram como tarefa urgente a criação de um tratado desigual com a Coreia, e em abril de 1878, o Senado liberou medidas para que isso acontecesse através da "mediação fraternal do Japão", e enviou Shubert, que havia frequentado a Coreia e países asiáticos muitas vezes, tornando-o assim um plenipotenciário.

No entanto, a conclusão do tratado através da "mediação fraternal do Japão" falhou devido à oposição do governo feudal coreano. O astuto imperialismo estadunidense persuadiu os governantes feudais da Coreia através da China Qing, inventando que o Japão estava prestes a invadir a Coreia e que os EUA a "protegeriam" se firmasse o tratado.

Como resultado, em agosto de 1880 as primeiras conversas sino-americanas foram realizadas. A primeira entre Li Hongzhag, que foi o ministro encarregado da área de Beiyang e que detinha poder real na diplomacia da China Qing, e Shubert, dos EUA. A segunda, entre Julho de 1881 e Abril de 1882, e outras sino-coreanas entre janeiro e abril de 1882, todas realizadas com o intuito de negociar o tratado Coreia-EUA.

Em abril de 1882, foram realizadas conversações sobre

o esboço do Tratado Coreia-EUA. A política bajuladora e vende-pátria da camarilha da imperatriz Myongsong levou à conclusão do Tratado Coreia-EUA em 6 de abril em Jemulpho.

Fruto de falsidades e desigualdades, o tratado concedia muitos privilégios aos EUA e apenas deveres à Coreia.

Acima de tudo, o tratado continha artigos projetados para subjugar a soberania política da Coreia e intensificar o domínio político sobre ela.

O artigo 2 estipula que os EUA terão seu "delegado diplomático" residindo em Hansong. O Artigo 4 estipula jurisdição consular (direitos extraterritoriais) para os EUA, enquanto se refere ao dever unilateral do governo coreano de despachar imediatamente suas tropas, conforme exigido pelo cônsul dos EUA, para dispersar os causadores de problemas e prender o culpado e matá-lo em caso de luta do povo coreano contra os EUA. Além disso, os EUA acrescentaram um artigo especial sobre o envio de estudantes coreanos para os EUA, antecipando o treinamento de elementos pró-ianques que seriam usados para intensificar sua agressão no futuro.

E o artigo 3 garante aos EUA direitos de realizar comércio através dos portos abertos na Coreia, operar diversos negócios, arrendar edifícios e terrenos e construir casas e armazéns.

Em particular, o Artigo 14 estipula o status de "nação mais favorecida", dando aos EUA o privilégio de ganhar novos direitos do governo coreano.

O cínico imperialismo estadunidense não se esqueceu de expressar sua "amizade" para com a Coreia. O artigo 1 estipula que os dois países devem se manter "em eterna paz e bons termos" e "necessariamente auxiliar um ao

outro e mediar bem" quando qualquer outro país causar um injusto e humilhante incidente e uma parte informar a outra disso. Os EUA estabeleceram isso no primeiro artigo do "Tratado" visando facilitar a realização de suas invasões à Coreia, criando uma ilusão e um sentimento de dependência dos EUA entre os governantes feudais coreanos e fingindo ser um apoiador e um mediador da Coreia.

Após a conclusão do Tratado Coreia-EUA, os EUA firmaram o acordo Taft-Katsura com o Japão, em 29 de Julho de 1905, e apoiou ativamente a invasão japonesa na Coreia, a fim de defender seus interesses imediatos e usar o Japão como "força choque" contra a Ásia. (No Acordo Taft-Katsura, os EUA reconheceram a proteção do Japão à Coreia e, em troca, o Japão prometeu não interferir na supremacia dos EUA sobre as Filipinas.) Durante a guerra da Coreia, Ridgway, o então comandante-em-chefe das forças da ONU, disse que embora os EUA tenham prometido, no tratado de 1882 com a Coreia, prestar-lhe "assistência mútua", quando foi submetido a "tratamento ilegal" por um país terceiro não fez nenhum esforço para fazê-lo valer, enquanto instava a Coreia a observar o acordo comercial. Estes fatos mostram claramente que o Tratado Coreia-EUA era agressivo, subjugador e desigual, e repleto de hipocrisia e falsidade.

Além disso, os EUA direcionaram esforços para a infiltração ideológica e cultural, destinada a pavimentar o caminho para a invasão da Coreia.

Nessa tarefa, a religião ocupava a posição mais importante.

Originalmente, a infiltração ideológica e cultural dos imperialistas era frequentemente o prelúdio de sua invasão

armada.

Desde o início, os EUA se apegaram à infiltração ideológica e cultural combinada à invasão armada. A razão estava no fato de que, na época, o governo feudal coreano estava adotando uma política nacional de isolamento e uma política rígida em relação ao catolicismo, um variante do cristianismo.

A infiltração ideológica e cultural dos EUA na Coreia, combinada à agressão armada, começou com a intrusão de seu navio agressor *General Sherman*, em 1886.

Os agressores no *General Sherman* colocaram a bordo muitas cópias do Novo Testamento em Tianjin, China, a fim de propagar o Cristianismo entre o povo coreano. E tinham um missionário Britânico, que era um "intérprete e guia", pessoalmente envolvido no trabalho missionário entre o povo coreano. Depois de atracarem o barco no porto de Sinjang, em Pyongyang, espalharam o cristianismo entre a população local, entregando-lhes cópias da Bíblia.

Mais tarde, os EUA enviaram vários missionários à Coreia para espalhar a religião licitamente.

O estratagema dos EUA para conquistar o direito à propagação da religião na Coreia já estava em movimento quando houve a assinatura do Tratado Coreia-EUA de 1882. Nas negociações preliminares à conclusão do tratado, Shubert rejeitara a demanda do governo coreano pela adição ao tratado de um artigo banindo a disseminação do cristianismo.

Mais tarde, em julho de 1883, um missionário estadunidense foi enviado à Coreia para obter do governo coreano permissão informal para a propagação da religião entre não-coreanos.

Aproveitando-se dessa oportunidade, os EUA começaram a espalhar legalmente o Cristianismo na Coreia. Entre 1884 e 1885, missionários estadunidenses das igrejas Presbiteriana e Metodista afluíram em bando à Coreia, e na década de 1880 o Cristianismo foi difundido em extensivas áreas da península.

Depois da ocupação da Coreia pelo Japão, os EUA, declarando que "se é o Japão que detém o poder político na Coreia, é os EUA que controlará os corações dos coreanos", estabeleceu por meta o aumento do número de cristãos coreanos para um milhão, efetuando uma invasão de larga escala através da religião. Essa meta foi estabelecida na Conferência de Missionários, que teve lugar em Hansong, na primavera de 1910.

O número de missionários estadunidenses na Coreia em 1910 era de 306, representando dois terços do total de missionários estrangeiros no país. Em particular, um terço dos missionários enviados ao exterior pela Igreja Presbiteriana do Norte dos EUA estava na Coreia. Em 1920, enquanto o número de missionários de quatro igrejas estadunidenses – Igreja Presbiteriana do Norte, Igreja Presbiteriana do Sul, Igreja Metodista do Norte e Igreja Metodista do Sul – na Coreia era de 336 pessoas, o número de templos e de "cursos de doutrina" chegava a mais de 2.300 unidades, e o número de clérigos, evangelistas e diaconos, a mais de 23.000.

A Igreja Presbiteriana do Norte desenvolveu seu trabalho missionário em 1885, tendo por foco Hansong e, a partir de 1895, a província de Pyongan. Em 1920, havia prefeituras apostólicas instaladas em áreas como Hansong, Seoncheon, Euiju, Sineuiju, Kanggye, Nyongbyon, Haeju, Cheongju, Daegu e Andong, etc., e, em cada prefeitura,

bases de propagação com diversos nomes, tais como capelas, oratórios e escolas dominicais. Através destas, a atividade de propagação religiosa foi ferozmente levada a cabo. Além disso, a Igreja Metodista do Norte e, a partir de 1885, a Igreja Metodista do Sul também empreenderam atividades de propagação religiosa, a primeira tendo por foco as províncias de Gyeonggi, Chungcheong, Gangwon, Hwanghae e Pyeongan, e a segunda, Gyeonggi, Gangwon e Hamgyong.

De maneira a fortalecer sua invasão da Coreia através da religião, os EUA realizaram uma conferência de missionários em Hansong, em Maio de 1894, e, em 1897, a sede da missão evangelista atribuiu à Coreia o status de distrito missionário independente. Consequentemente, muitos outros missionários estadunidenses entraram na Coreia, e surgiram diversas novas capelas e escolas missionárias.

O trabalho missionário para imbuir o povo coreano do espírito de não-resistência e da ideia servilista de adorar a América foi conduzido em combinação com a chamada educação e tratamento médico.

Os estadunidenses, professando serem missionários que transmitiam a vontade de Deus, educadores ou filantropos, construíram hospitais e escolas como o Hospital Kwanghye, a Escola Eihwa e a Escola Paejae em 1885 com parte da riqueza que haviam saqueado do povo coreano, onde instilaram as ideias de submissão servil e adoração à América no povo coreano.

Os EUA manobraram astuciosamente para estabelecer uma base para a invasão da Coreia, treinando elementos pró-americanos e espiões através da religião.

Uma importante missão para os missionários dos

Estados Unidos era treinar elementos e espiões pró-EUA na Coreia.

Um típico exemplo foi a Associação de Jovens Cristãos da Coreia. A associação tinha como diretor honorário um estadunidense, e entre seus diretores coreanos estavam os traidores pró-EUA da nação como Syngman Rhee, Yun Chi Ho e Sin Hung U. Superficialmente, defendia religião, educação, esportes e comunhão, mas seu real objetivo era propagar ideias de adoração à América entre o povo, incluindo os jovens.

Além disso, os missionários estadunidenses investiram parte dos colossais bens adquiridos às custas do suor do povo coreano para enviar como estudantes aos Estados Unidos os burgueses bajuladores e outros elementos de toda a classe, com a intenção de prepará-los como lacaios pró-ianques ou espiões assalariados que contribuam para sua política de dominação da Coreia

A agressão econômica contra a Coreia pelos EUA também foi perversa.

Depois de obter privilégios como extraterritorialidade e acordos mais preferenciais, manobrou perversamente para tornar a Coreia um de seus mercados, um lugar para saque de metais preciosos e matérias-primas e investimento de capital.

O comércio dos EUA com a Coreia começou em meados de 1883 em Inchon. Em maio de 1884, um comerciante estadunidense chamado Townsend fundou uma empresa com seu nome em Inchon e monopolizou a venda de mercadorias e contratos encomendados pelo governo coreano. A empresa obteve enormes lucros enquanto atuava como agente coreano das empresas de monopólio estadunidenses.

Os capitalistas estadunidenses venderam a preços exorbitantes bens excedentes, como fuzis antigos, petróleo, tabaco e açúcar. Como consequência, suas exportações para a Coreia tiveram um aumento de 80 vezes entre 1910 e 1937, ou seja, de 320.000 *wons* para 27 710.000 *wons*.

Com o dinheiro que obtiveram após vender caro seus produtos excedentes, compraram a preços irrisórios metais preciosos como ouro e a prata, e os levaram ao seu país.

Os EUA superaram outros agressores estrangeiros na conquista de interesses econômicos na Coreia.

Na década de 1880, os EUA conseguiram concessões como abrir rotas marítimas entre Inchon e Xangai e entre Pusan e Nagasaki, derrubar árvores na Ilha Ulung, extrair ouro e pérolas aluviais, construir fábricas químicas e de vidro e fósforo e explorar ouro em Unsan, e sobrecarregar cruelmente os trabalhadores coreanos. Na década de 1890, conquistou concessões como de estabelecer uma linha férrea entre Hansong e Inchon e entre Hansong e Kaesong, serviço de eletricidade, água e linhas de trem em Hansong, e derrubar árvores na bacia do rio Amnok e vender a maioria delas para outros países a preços caros.

Os EUA estavam especialmente empenhados em conquistar direitos de mineração.

Desde a primavera de 1881, já antes da conclusão do Tratado Coreia-EUA, os EUA haviam realizado prospecção ilegal de depósitos de ouro na Coreia, e no final do século XIX, monopolizaram os direitos de extração em diversas minas, como a de Kojindong em Kapsan, Província de Hamgyong, as de Unsan e Huichon (uma joint-venture com o Japão) na província de Phyong-an, as de Hwachon e Kangnung na província de Kangwon,

a carbonífera de Sadong em Pyongyang, a de Holtong na província de Hwanghae, e a de Jiksan na província de Chungchong, de onde levaram enorme quantidade de ouro e outros materiais preciosos.

Somente da mina Unsan, de onde se extraia 70% de todo o ouro que se extraia na Coreia, os estadunidenses levaram cada ano um equivalente de 2 a 5 milhões de *wons* e, em 25 anos, entre 1903 e 1928, extraíram ouro equivalente a 82 milhões de *wons*. (O valor da produção de ouro e prata em quatro grandes minas – Unsan, Suan, Changsong e Jiksan, administradas por estadunidenses – representou 80% do valor total da produção de ouro e prata na Coreia entre 1909 e 1920. De 11.757.000 *wons*, o valor total da produção de ouro e prata em 1916 na Coreia, 9,4 milhões de *wons* pertencia a essas quatro minas.)

Ao passo que recorriam a diferentes métodos para invadir a Coreia, os estadunidenses perpetraram todo tipo de atrocidades brutais, como assassinatos, roubos, estupros, incêndios, saques, pilhagens, destruições e terrorismo.

2. PRINCIPAL ALVO DOS EUA

No final da Segunda Guerra Mundial, os EUA começaram a advogar por uma "nova ordem mundial sob sua liderança", recuando em seus compromissos com as potências aliadas antifascistas. Desde então, tem adotado abertamente a "política de poder" para "acabar" com o socialismo no mundo e alcançar a hegemonia mundial.

Alcançar a hegemonia mundial é o objetivo final do imperialismo dos EUA.

E para realizar esta estratégia, os EUA definiram a Coreia como seu principal alvo e trataram arbitrariamente a questão coreana em arenas internacionais, incluindo a ONU em colaboração com seus países satélites.

Posição geopolítica da Coreia

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os EUA declararam uma política externa agressiva, alegando que "o movimento mundial deveria ser liderado por ele" e canalizaram esforços para capturar regiões de importância estratégica no estabelecimento de uma "nova ordem mundial sob sua liderança".

Em particular, estava decidido a tomar a península coreana.

A Coreia está situada na parte oriental do continente asiático e tem uma área de 224.252 km². Suas grandes e

pequenas ilhas ocupam uma área de 5.851km².

Devido a sua importância geopolítica, a península coreana tornou-se o ponto estratégico mais importante da Ásia, pois é indispensável para os EUA alcançarem sua hegemonia global.

Por essa razão, a questão coreana se destaca como uma das mais importantes na política externa dos EUA. Durante muitos anos, os sucessivos governantes estadunidenses falavam cinicamente da necessidade de dominar a península coreana a qualquer custo.

O que se segue é parte dos dados relacionados a este assunto:

-O enviado dos EUA à China Qing, que na década de 1860 fez esforços desesperados para impor à Coreia um tratado desigual e humilhante, disse: "Oponho-me à guerra contra a Coreia ou qualquer outro país com o único objetivo de fomentar a abertura do país para impulsionar o comércio exterior. Meu ponto de vista é baseado na consideração de que há algo mais importante do que meros interesses comerciais".

-Em 1882, o enviado dos EUA na China, Young, recomendou ao seu governo: "Do ponto de vista militar, a Coreia está em uma posição tal que quem entra nela encontra a porta aberta para o império Qing".

-Imediatamente após a libertação da Coreia, em 15 de agosto de 1945, MacArthur, comandante das tropas estadunidenses no Extremo Oriente, disse: "Sempre reconheci a Coreia como uma base militar avançada de inestimável valor. A Coreia pode servir como uma base dominante nas costas do nordeste asiático".

E disse ainda: "Olhando do ponto de vista militar e estratégico, o Japão é um potencial 'trampolim', enquanto

a Coreia é a ‘ponte para atravessar o continente’”. E que, em caso de conquistar toda a região coreana, “poderemos destruir a única rota de suprimentos que liga a Sibéria soviética com Sul... e teremos total domínio de todas as regiões entre Vladivostok e Singapura”.

-Dulles, o então Secretário de Estado norte-americano, descreveu a Coreia como um “punhal” que corta “um pedaço” da Ásia.

-No início do verão de 1946, o assistente especial do presidente estadunidense para os assuntos da indenização visitou o norte e o sul da Coreia, e em junho apresentou ao presidente Truman um relatório de sua inspeção intitulado *Visão, Conclusões e Recomendação Sobre a Situação na Coreia*, no qual escreveu que “a Coreia, embora pequena, poderia servir como um estágio de guerra ideológica que decidiria completamente o nosso êxito na Ásia.” Recomendando política, econômica e militarmente medidas para a dominação da península coreana.

-Imediatamente após a libertação coreana, a Agência de Inteligência e Investigação do Departamento de Estado norte-americano elaborou um relatório secreto, no qual está escrito: “Mesmo agora, como se pode saber através de toda a sua história, a península coreana é um cenário de embates, onde o conflito de interesses e ideologias contraditórias de outros Estados se refletem em suas questões internas. Devido à posição geográfica que a Coreia ocupa no nordeste asiático, controlá-la, bem como seu povo, contribuirá para fortalecer e consolidar consideravelmente a posição do nosso país; certamente não há dúvidas da importância política da Coreia para os assuntos dos EUA”.

-Imediatamente após a libertação coreana, críticos

burgueses comentaram que “Atualmente, a Coreia se destaca entre as complexas configurações políticas do Extremo Oriente” e que “isso se deve à importante posição estratégica que ocupa entre China, Japão e União Soviética”.

-No verão de 1949, uma agência de notícias de Nova Iorque escreveu que “os conservadores dos Estados Unidos enxergam a Coreia como um ponto de grande importância estratégica para atacar a China”.

-Após a Guerra da Coreia, os EUA fizeram esforços desesperados pra aprimorar as tropas militares da Coreia do Sul e melhorar seus equipamentos, chamando a Coreia do Sul de “bastião estadunidense no Extremo Oriente”.

-No dia 1° de maio de 1975, o então secretário de defesa norte-americano Schlesinger, em uma conferência de imprensa, qualificou a Coreia do Sul como uma “área de defesa frontal” para os EUA, onde as armas nucleares foram implantadas. Na década de 80, o presidente Reagan declarou que a península coreana era um “ponto estratégico” correspondente a uma “área de primeira categoria” para o uso de armas nucleares. O secretário de defesa Weinberger, percebendo que a Coreia do Sul era a “primeira linha da estratégia norte-americana” junto com a Europa, apontou que transformar a Coreia do Sul em uma confiável base estratégica era o “núcleo da política militar dos EUA para a Ásia” e que “controlar a península coreana era uma tarefa importante para a política norte-americana para a Ásia”.

-A “estratégia de múltiplas represálias”, lançada pelos EUA nos anos de 1980, levanta a “teoria das três guerras” na Europa, Oriente Médio e Coreia. A respeito disso, o então chefe do Estado-Maior da marinha norte-americana

apontou: “No momento, a região da península coreana, na direção oeste do Pacífico, é particularmente importante entre as três guerras”.

-Referindo-se ao invariável valor estratégico da península coreana ao fim da Guerra Fria, o jornal *Washington Post* escreveu: “O que nunca muda, apesar das notáveis mudanças na atual situação da península coreana, são suas condições geográficas. A Coreia se encontra no meio do nordeste asiático, uma das mais estratégicas e mais ativas regiões do mundo”.

-O livro estadunidense *Duas Coreias* sublinha: “Após a Guerra Fria, a importância estratégica da península coreana aumenta cada vez mais. A península coreana é o único lugar do mundo onde se entrelaçam de forma direta os interesses e preocupações com segurança das quatro potências: Estados Unidos, Japão, China e Rússia”.

-Estrategistas estadunidenses avançaram na “estratégia periférica” para controlar o continente euroasiático, o centro do mundo, dominando através da periferia do continente para ter o controle efetivo da parte central. Eles enfatizaram que para os EUA atingirem a hegemonia mundial no século XXI, deveriam ter o controle de três regiões: o leste asiático, que inclui a península coreana; a Alemanha, onde o oeste e o leste europeu se encontram; Afeganistão e Oriente Médio, onde as forças militares do EUA e dos soviéticos se encaram face a face.

-Especialistas em segurança do Extremo Oriente da Fundação Heritage, um instituto hostil à Coreia do Norte, que participa na elaboração da política da direita conservadora dos EUA, afirmaram que “o fundamental na política externa dos EUA para o século XXI é a sua política para a Ásia, a qual o foco é a península coreana”,

e explicaram a razão da seguinte forma: “Sem resolver a questão da península coreana é impossível assegurar paz e estabilidade no nordeste asiático e os interesses absolutos dos EUA nessa região, nem garantem o estabelecimento de uma nova ordem internacional e a posição e papel de liderança dos EUA”.

Como visto acima, em cada oportunidade os EUA fizeram esforços desesperados para dominar a península coreana, que ocupa uma posição de suma importância do um ponto de vista político, econômico, militar e estratégico.

Os EUA, que há muito tempo tentavam agredir o continente asiático, mudaram o centro de sua estratégia militar global da Europa para a região Ásia-Pacífico após a Guerra Fria. Isto se baseou na constatação de que somente quando o Ásia-Pacífico, com grandes pontos estratégicos e áreas de recursos, estivesse em suas mãos, os EUA poderiam governar o mundo.

O Ásia-Pacífico, lar de recursos abundantes, enorme população e vasto mercado, tornou-se agora uma arena de competição de grandes potências. A região que atrai sua atenção particular é o nordeste da Ásia, que é um centro de atividades políticas, econômicas, militares, tecnológicas e culturais. Um jornal japonês escreveu: “As principais potências estão prestes a realizar uma competição estratégica no nordeste da Ásia por sua influência, prestígio, segurança e autoridade”.

Os EUA estão liderando a competição. Suas desvantagens geográficas e a vulnerabilidade econômica em tomar a iniciativa no nordeste da Ásia e conter outras potências são compensadas pela sua superioridade militar e estratégica.

O que desperta nos EUA uma particular atenção é a península coreana. Eles vêem a península coreana como o principal alvo na implementação de sua estratégia de supremacia mundial.

Os EUA sabem muito bem que a península coreana é uma área estratégica de grande importância política. A República Popular Democrática da Coreia ocupa uma posição de destaque e desempenha um grande papel no mundo.

A RPDC é o único baluarte do socialismo no mundo e o epicentro do movimento de reconstrução socialista.

Embora as forças aliadas imperialistas lideradas pelos EUA, que há muito tempo caminharam para sufocar o país de uma vez, avançaram diretamente no caminho do socialismo.

Em particular, após o colapso do socialismo na antiga URSS e na Europa Oriental, a RPDC intensificou sua marcha para moldar o futuro promissor do socialismo sob a bandeira vermelha.

A VOA descreveu o país como a única fortaleza socialista que se robusteceu mesmo com as dramáticas mudanças no Oriente e Ocidente.

Seu avanço vigoroso golpeou os imperialistas que estavam animando-se, acreditando que implodir a URSS significava o fim do socialismo.

Os EUA nunca ignoraram os progressos. Agora, sentem-se extremamente desconfortáveis com o fato de a RPDC não ser apenas um baluarte socialista, mas também o centro de promoção da reconstrução do socialismo em escala mundial.

Hoje, o movimento socialista mundial recebeu com entusiasmo uma nova era da história, quando é guiado

pela imortal ideia Juche.

É compreensivelmente provado pelo fato de que o número de assinantes da Declaração de Pyongyang cresce ano após ano, nos cinco continentes do mundo.

A Declaração de Pyongyang, intitulada *Defendamos e levemos adiante a causa socialista*, constitui uma declaração histórica que sinaliza um novo começo do movimento internacional para a reconstrução e vitória final do socialismo, além de uma bandeira militante de união e luta dos povos dos países que pleiteiam e defendem a independência e o socialismo.

No momento da divulgação da declaração, em 20 de abril de 1992, 70 partidos comunistas, agremiação de trabalhadores e outros partidos políticos que aspiravam ao socialismo a assinaram; em 2010, o número alcançou mais de 280.

A realidade da Coreia socialista, que está conquistando vitória após vitória na construção de um poderoso país socialista, frustrando resolutamente os movimentos frenéticos dos imperialistas e reacionários para isolá-la e sufocá-la, dá aos povos do mundo inabalável confiança e expectativa no ressurgimento do socialismo.

A VOA reportou que, no futuro, a Coreia do Norte poderia se tornar a entidade mais influente que poderia trazer o renascimento do socialismo não apenas na península coreana, mas também no nordeste da Ásia e em escala mundial.

Para os EUA, que insistem em um "mundo unipolar" onde só exista o capitalismo, a existência da Coreia socialista é algo que não se pode tolerar por mais tempo. Depois da Segunda Guerra Mundial, apegou-se persistentemente a medidas de sanções para impedir seu

avanço triunfante.

A RPDC é, também, o porta-estandarte da época que orienta ao caminho do anti-imperialismo e da independência os povos dos países em desenvolvimento.

Uma vez, o *New York Times* publicou um artigo de um ativista anti-nuclear e anti-guerra dos Estados Unidos no qual escreveu que na "nova ordem mundial" defendida pelos EUA, "entre os países em desenvolvimento apenas os países que são fantoches dos EUA poderiam existir". Esta é uma revelação de uma parte oculta da "nova ordem mundial". Em outras palavras, é um aviso de que a estratégia de hegemonia mundial dos EUA visa estabelecer uma ordem projetada a tornar os países em desenvolvimento e seus povos em seus vassalos.

Tal ordem dedicada à escravização desses e de outros países não-alinhados vai, em todos os aspectos, contra os seus interesses e aspirações de estabelecer a nova e justa ordem, abolindo a antiga e desigual. O imperialismo dos EUA não hesita em impor seus critérios a esses países com o uso da força e chantagem e a recorrer à violência contra países independentes e revolucionários. No entanto, homens com espírito independente se opõem à sua arbitrariedade em todos os lugares e seu número cresce cada vez mais a cada dia.

Os povos armados com o espírito da independência não têm nada a temer, e nenhuma força pode colocá-los de joelhos.

O imperialismo dos EUA está ciente de que não pode dominar o mundo deixando tal como está a Coreia do Juche, berço da ideia independente que lembra às nações em desenvolvimento de que elas próprias são donas do seu próprio destino.

A luta de libertação nacional anti-japonesa e a Guerra de Libertação da Pátria, ambas levadas a cabo pelo povo coreano tendo a ideia Juche como diretriz, abriram uma nova era de libertação nacional em todas as colônias do mundo.

Centenas de milhões de homens e mulheres, marginalizados e obedientes à sua destruição por séculos, acordaram do sono prolongado pelos raios do Juche e se levantaram na luta sagrada por sua dignidade e independência nacional.

Em novembro de 1954, um disparo que ressoou em uma montanha na Argélia iniciou a luta de libertação nacional do povo argelino. Essa luta para romper a cadeia da colonização logo se espalharia para outros países no "continente obscuro", caracterizando a década de 1960 como a da emancipação da África.

A corajosa luta do povo coreano no final da década de 1960, quando capturaram o navio espião americano *Pueblo*, infundiu força e coragem nos países em desenvolvimento.

Encorajados pelas vitórias do povo coreano que mais de uma vez baixaram a fumaça do soberbo império ianque que se entregava à agressão, interferência, destruição e conspiração contra as nações que estavam começando uma nova vida, os povos asiáticos, africanos e latino-americanos lutaram vigorosamente em defesa da emancipação e soberania e contra o imperialismo dos EUA. Uma publicação estadunidense apontou que "a Coreia do Norte é o motor que acende nos países em desenvolvimento o espírito da independência".

Preocupados com os fortes ventos da independência e do anti-imperialismo nos países em desenvolvimento, os

imperialistas dos EUA visavam eliminar a Coreia do Juche, origem dessa propensão.

Para este fim, os EUA declarou abertamente que recorreriam a todos os métodos e meios e, se necessário, não hesitariam em recorrer a armas nucleares.

Outra razão pela qual os EUA consideram a península coreana seu alvo principal na implementação de sua estratégia de hegemonia mundial reside no fato de que a península é uma região de suma importância do ponto de vista militar.

A península coreana está ligada ao vasto continente asiático ao norte e às margens do mar em outros três lados – leste, oeste e sul, as águas costeiras do noroeste do Pacífico.

No norte, faz fronteira com a China e a Rússia com os rios Amnok e Tuman fluindo entre elas, através dos quais é possível chegar à Ásia e à Europa. Em outras palavras, através da China é possível ir ao Vietnã, Laos, Mianmar, Tailândia, Camboja, Malásia e outros países asiáticos, incluindo Cingapura, na parte mais baixa do continente. Através da Rússia é possível ir para a Europa e Ásia Central via Vladivostok.

Como visto acima, a península coreana serve como um "atalho" para a Ásia e a Europa, porque se situa quase que no coração do leste asiático. Situa-se latitudinalmente entre 33º 06’ 45” N (ponta sul da ilha de Mara, de Sogwipho da província de Jeju) e 43º 00' 33” N (ponta norte da comuna Phungso, distrito de Onsong da província de Hamgyong do Norte) e longitudinalmente entre 124º 10' 45” E (ponta oeste da ilha Pidan, distrito de Sindo da província de Phyong-an do Norte) e 131º 52' 22” E (ponta oriental das Ilhotas Tok, distrito de Ullung da província de

Kyongsang do Norte).

Para os EUA, que advogam pelo estabelecimento de um "mundo unipolar" com as forças militares, a península coreana constitui um ponto de suma importância militar e estratégica, o que facilitaria seus esforços para conquistar os países asiáticos, e depois dominar o mundo inteiro.

Os mares que cercam a península coreana estão conectados ao Pacífico, facilitando o contato com qualquer região e país do Ásia-Pacífico.

No século XIX, a viagem de países americanos, incluindo os EUA para a Ásia, exigiu a travessia do Atlântico, o sul da África e o oceano Índico, uma longa jornada. No entanto, é mais fácil agora pois é possível chegar ao Oceano Índico através do Estreito de Malaca, com as ilhas japonesas ou especialmente a península coreana como uma escala intermediária. A península coreana, em um local intermediário entre os oceanos Pacífico e Índico, pode servir como base apropriada para fornecer combustível, água potável e outros suprimentos.

Para os EUA, que planejam avançar a qualquer momento para qualquer lugar do mundo com a força da superioridade militar, a península coreana é um importante ponto militar e estratégico em vista de sua localização marítima.

Como acima mencionado, para os EUA, que afirmam ser sua responsabilidade resolver o mais rápido possível um evento de emergência que ocorra em qualquer lugar da região Ásia-Pacífico e restaurar a estabilidade regional, a península coreana, de frente para o continente asiático de um lado e para o Pacífico por outro, é uma base militar e estratégica indispensável que nenhum outro país pode substituir.

Para este fim, os EUA devem colocar toda a Coreia na esfera de sua influência e garantir a completa liberdade de suas ações ali.

Outra razão pela qual os EUA consideram a península coreana como um dos principais objetivos para implementar sua estratégia de hegemonia mundial reside no fato de ser um ponto de vital importância econômica.

Por estar localizada em um local onde o continente asiático encontra o Pacífico, a península é dotada de várias condições naturais que refletem tanto a característica continental quanto a oceânica.

Conta com abundantes variedades de recursos subterrâneos, motivo pelo qual é há muito tempo chamada de "galeria de amostras de minerais valiosos", e suas paisagens que figuram entre as mais pitorescas do mundo.

Até o momento, foram descobertos mais de 300 tipos de minerais, dos quais mais de 200 são úteis e valiosos.

Rodeada em seus três lados pelo mar, possui condições favoráveis para impulsionar a pesca e o transporte marítimo e desenvolver a exploração de recursos marinhos.

Com bela paisagem, possui muitas atrações turísticas promissoras.

Pertencente à região Ásia-Pacífico, especialmente ao nordeste da Ásia, a península pode exercer uma grande influência no desenvolvimento da economia global.

A feroz confrontação entre grandes potências sobre a superioridade política, militar e estratégica se baseia sempre em interesses econômicos. Na era atual, denominada era do Ásia-Pacífico, esta área se tornou uma arena de competição acirrada entre as potências, porque tem um enorme potencial para se tornar o centro

da economia global.

No final do século XX, a região já havia se tornado um estágio vibrante da economia global. A proporção ocupada pela área do Ásia-Pacífico no PIB total mundial representava 41% em 1980, mas continuou aumentando, para 50% em 1990 e 55% em 1993. Em 1997, havia três países no mundo com produção anual de aço superior a 100 milhões de toneladas, sendo o primeiro e o segundo lugar ocupados por países asiáticos.

O centro do comércio global também foi transferido para a região do Ásia-Pacífico.

O fato de a região asiática se tornar uma área vital para os EUA é evidenciado por sua enorme dependência econômica.

O oeste asiático é abundante em petróleo e gás natural, e o leste da Ásia conta com ricos recursos e mão de obra altamente qualificada, que ocupa 40% da população mundial.

É uma opinião comum que, no futuro, a perspectiva de desenvolvimento econômico das principais potências mundiais se baseie em como quantidade suficiente de matéria-prima é fornecida à indústria com a crescente capacidade de processamento.

É o nordeste asiático menos desenvolvido que chama a atenção do mundo como fonte de matérias-primas ricas, especialmente a região do Extremo Oriente da Rússia e a região nordeste da China, onde existem ricos depósitos de todos os tipos de matérias-primas convenientes para serem transportados.

Um ponto importante no desenvolvimento do nordeste da Ásia é o transporte. Aproveitar a península coreana é um pré-requisito para facilitar a questão do transporte.

Os portos russos na região do Extremo Oriente são congelados no inverno, tornando indispensável o uso dos portos na península coreana. No que diz respeito ao transporte de matérias-primas e mercadorias para o exterior do nordeste da Ásia, o transporte marítimo e terrestre pela península coreana pode reduzir consideravelmente a distância e o tempo, o que significa custos reduzidos.

O leste da Ásia é conhecido mundialmente pela abundância de recursos humanos com tecnologia e habilidades excelentes. É uma visão de especialistas e grandes potências que o uso dos recursos ricos nessa área e a alta tecnologia para a produção de bens possibilitará o fortalecimento da competitividade internacional e o papel de liderança no mercado mundial.

Os EUA, preocupados com a crescente influência de outras potências nos países asiáticos que têm vantagens econômicas, estão empenhados em conquistar o controle sobre a Ásia, especialmente a península coreana, um ponto econômico e estratégico situado na porta de entrada para o nordeste asiático.

Como mencionado acima, todos os problemas que surgem na implementação pelos EUA de sua estratégia de hegemonia mundial estão ligados à península coreana, ponto de suma importância política, militar e econômica. Consequentemente, os EUA chegaram à conclusão de que, se a Coreia for deixada como está, não poderão implementar a estratégia.

Por esta razão, os EUA consideram como importante objetivo eliminar a RPD da Coreia e controlar toda a península coreana e tenta, por todos os meios, internacionalizar a questão coreana.

A Real Intenção dos EUA

Internacionalizar um problema de um país significa atribuí-lo o caráter internacional para despertar a atenção mundial, polemizando-o como uma questão que põe em perigo o país ou a nação, as relações interestatais ou a comunidade internacional, ou para fomentar a cooperação de vários países sob a aprovação da ONU para a solução do problema.

Historicamente, no que diz respeito à questão coreana, não havia nada digno de controvérsia que pudesse causar perigo para a sociedade internacional.

No entanto, os EUA sempre recorreram a todos os meios para internacionalizar a questão coreana, com distintos pretextos.

Foi totalmente devido aos EUA, que abusaram do nome das organizações internacionais e arrastaram seus estados satélites para se envolver na questão coreana, que surgiram sérias dificuldades em todos os períodos e em todas as fases da revolução coreana – seja no tratamento da questão coreana durante a Segunda Guerra Mundial, no interesse das Potências Aliadas, em desconsideração às exigências e opiniões independentes da nação coreana; no estabelecimento de um regime títere na Coreia do Sul, após a libertação do país em 15 de agosto de 1945; na eclosão da guerra da Coreia; na colocação de obstáculos no caminho da reunificação do país; até as crises nucleares.

Os movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana visam satisfazer seus interesses

unilaterais, mas mesmo assim, envolvem seus estados satélites e a opinião pública internacional.

Os EUA descrevem suas agressões, intervenções e movimentos de guerra "como proteção aos seus interesses nacionais". Isso parece bastante plausível, mas encobre a sua natureza totalmente agressiva.

Há um grande número de estados soberanos no mundo. Todos valorizam seus interesses nacionais e não toleram sequer a menor usurpação sobre eles. No entanto, é proibido infringir os interesses nacionais de outros países, mesmo que o interesse nacional do próprio país seja precioso e, além disso, qualquer movimento, para alcançar o domínio e a subjugação infringindo a soberania de outros países, nunca pode ser tolerado. Caso contrário, isso pode levar inevitavelmente a conflitos entre países e, numa situação mais séria, ao início de uma guerra. Portanto, os interesses nacionais de todos os países devem ser estabelecidos adequadamente nos princípios de igualdade, benefício mútuo e respeito.

No entanto, os "interesses nacionais" dos EUA são definidos de uma maneira bem diferente; pressupõem a dominação do mundo, agressão e pilhagem.

Em fevereiro de 1999, os EUA divulgaram o "relatório da defesa nacional", no qual esclareceu sua estratégia mundial no século XXI.

De acordo com o relatório, os interesses nacionais dos EUA incluem a proteção de sua soberania, território e população; a repressão ao advento de uma aliança regional hostil ou de um poder hegemônico; e a obtenção de acesso ilimitado aos principais mercados, suprimentos de energia e recursos estratégicos. Dessa maneira, declarou abertamente que manteria a supremacia no mundo e

monopolizaria os recursos estratégicos.

Isso revela a verdadeira face do caudilho imperialista, que planeja se enriquecer até invadindo e saqueando outros países, se for necessário.

Os EUA, perseguindo a sua estratégia de supremacia mundial, planejam colocar toda a península coreana, situada em um local importante, tanto política quanto militarmente, sob seu controle e fazer dela uma colônia.

Depois de ocupar a Coreia do Sul, manipulando as conferências internacionais e seus países satélites, os EUA tem cometido todo tipo de esquema para isolar e sufocar a República Popular Democrática da Coreia, no norte da península coreana.

Como um elo da cadeia de seus esquemas, fez todos os esforços possíveis para internacionalizar a questão coreana.

Esse esquema é, em poucas palavras, o mais cruel que visa a dominar toda a Coreia a qualquer custo, sufocando-a com o objetivo de formar um cerco político, econômico, militar e diplomático.

A rádio sul-coreana KBS informou que "os Estados Unidos recorrem à estratégia de formar um cerco internacional em torno do Norte da Coreia para intensificar a pressão econômica e política" e que "desejam provocar o colapso do Norte ao elevar ao máximo o nível dessa pressão".

Como mencionado acima, os EUA se movem para internacionalizar a questão coreana, com o objetivo de derrubar o sistema socialista e o Estado da RPDC por meio de sanções e pressões internacionais sem reconhecer seu sistema político, de modo a realizar sua ambição de dominar toda a península coreana a qualquer custo, e

posteriormente, dominar todo o continente asiático e o mundo, com a península coreana como plataforma.

Agressão e pilhagem são a natureza intrínseca do imperialismo estadunidense. Para tentar encobri-las, recorre frequentemente ao método de levantar algum outro rótulo. Os EUA divulgaram o "espírito de fronteira" quando estava fazendo incursões na parte ocidental da América do Norte no século XIX; professou ser um "libertador" e "ajudante" depois de ocupar a Coreia do Sul em meados do século XX; chamou a si mesmo de "libertador" e "força de manutenção da paz" depois de ocupar o Iraque no início do século XXI.

Historicamente, ao lidar com a questão coreana, os EUA raramente apareciam publicamente no cenário internacional, mas realizavam seus perversos propósitos manipulando a ONU e outras organizações internacionais ou seus estados satélites. Baseou-se no cálculo de que o "acordo" por meio da ONU e de outras organizações internacionais ou seus estados satélites acrescentaria mais à justificativa e racionalidade internacionais. Em outras palavras, planejava realizar sua ambição de isolar e sufocar a RPDC obtendo reconhecimento internacional da legalidade e validade.

Ao despertar a opinião pública internacional, os EUA deram todo tipo de pretexto a cada vez.

Quando o povo coreano se libertou do domínio colonial japonês, os EUA pediram colocá-la sob custódia internacional com o argumento de que "seu povo não possuía capacidade para se governar"; quando a guerra da Coreia estourou, arrastou seus estados satélites para a guerra, alegando que ajudar a Coreia do Sul era responsabilidade da ONU, pois o governo sul-coreano foi

estabelecido pela ONU; apresentou a teoria das "duas Coreias" na arena internacional sob o pretexto de que era necessário garantir a "entrada simultânea" na ONU por parte do norte e do sul da Coreia e "reconhecimento cruzado" do norte e do sul pelos países dos campos socialista e capitalista, e assim internacionaliza o problema das "duas Coreias".

Além disso, causou polêmica em relação à "questão nuclear", "prevenção da proliferação de armas de destruição em massa" e "situação dos direitos humanos", visando despertar a opinião pública internacional.

O objetivo do alvoroço estadunidense para despertar a opinião pública internacional é ganhar justificativa internacional para tratar a questão coreana conforme sua política demanda.

Esse alvoroço começou após a libertação da Coreia.

Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA ocuparam o sul da Coreia com o pretexto de "desarmar" as tropas japonesas. Mesmo tendo levado ilegalmente a questão coreana para a ONU, não conseguiram realizar sua ambição pela conquista de toda a Coreia. Depois, idealizaram a realização de "eleições separadas", de acordo com uma "resolução" da ONU, e formaram um governo fantoche na Coreia do Sul, minando o estabelecimento de um governo provisório unificado e democrático na Coreia e dividindo a península em norte e sul.

Na época, os EUA defendiam a realização de "eleições separadas" na Coreia do Sul sob a "supervisão da ONU", alegando que as forças soviéticas estavam fomentando a rebelião nas áreas ocupadas pelos EUA na Coreia e que a questão da "genuína" independência da Coreia deveria ser

resolvida pela ONU para impedir a política expansionista da URSS.

No entanto, não foi nada menos que ladainha para esconder sua identidade como agressor e intervencionista, com a ajuda da ONU.

A expressão concentrada disso foi encontrada no relatório de Wedemeyer ao seu governo, que havia sido enviado à Coreia do Sul pelo então presidente dos EUA, Truman, em setembro de 1947. O relatório diz: "A retirada das tropas americanas seria propícia à propagação do comunismo, pois a Coreia do Sul seria 'comunizada'; a península coreana se tornaria um país satélite da União Soviética e o Japão correria o mesmo perigo de ser também comunizado; portanto, se os problemas planejados na Coreia pelos EUA não forem resolvidos pela Comissão Conjunta EUA-URSS, eles devem ser colocados em cima da mesa nas conversações de quatro países - URSS, EUA, Grã-Bretanha e China; se falharem lá também, devem ser resolvidos na ONU; se falharem novamente, devem ser resolvidos pelos EUA sozinhos'.

Resumidamente, isso significava que a Coreia nunca deveria ser abandonada, em nenhum caso.

Estes documentos comprovam o fato de que os Estados Unidos já haviam idealizado um plano para internacionalizar a questão coreana e estiveram executando-o.

Para dar continuidade, o congresso estadunidense adotou uma "lei de direitos humanos norte-coreana", levantando o "problema dos direitos humanos" que de fato não existe na RPDC, e lançou uma "ofensiva internacional dos direitos humanos". Pronunciando-se a favor do "melhoramento da situação dos direitos humanos" na

RPDC, apoia financeira e materialmente o desmantelamento e seu sistema e obriga outros países a participarem em seu esforço. (Organizações e indivíduos envolvidos recebem 24 milhões de dólares por ano do orçamento dos EUA).

Na sua tentativa de isolar e sufocar a RPDC, dominar toda a Coreia e assim fazer dela uma cabeça-de-ponte para a sua estratégia de hegemonia mundial, os EUA estão utilizando as organizações internacionais e os seus países satélites de uma forma ardilosa.

É o mesmo truque de sempre para tentar pescar nas águas agitadas sem sofrer danos ou perdas diretas.

Nos primeiros dias da Primeira Guerra Mundial, os EUA obtiveram enormes lucros vendendo armas a ambas as partes beligerantes sob o tabuleiro da neutralidade, mas quando o fim da guerra estava ao virar da esquina, juntou-se aos Aliados em abril de 1917 para participar do tratamento do pós-guerra. Fez lucros de 3 bilhões de dólares, um valor maior que qualquer outro país durante a guerra, e passou de uma nação endividada para uma nação credora.

Durante a Segunda Guerra Mundial, uniu-se também aos Aliados antifascistas; assim, após a guerra, concentrou em si a maior força econômica e obteve imensos lucros no mundo capitalista.

Durante a guerra da Coreia, arrastou seus 15 países satélites para tomarem parte nela, internacionalizando a questão coreana. O principal objetivo era aliviar a carga da guerra ao custo do sacrifício de seus países aliados.

Fez questão de enviar as tropas de seus países satélites para os lugares mais perigosos.

Durante a “retirada geral de dezembro de 1950”,

quando centenas de milhares de soldados das forças da ONU foram cercados, uma unidade de fuzileiros navais e a 29ª Brigada da Grã-Bretanha, na frente oriental e ocidental, respectivamente, foram aniquiladas enquanto cobriam a retirada dos soldados americanos. Durante a retirada de Wonju dos soldados americanos, as forças francesas sofreram um golpe fatal e as gregas foram aniquiladas; o mesmo destino recaiu sobre a brigada turca, que havia sido atirada para a primeira linha e atuou como retaguarda durante a retirada na "ofensiva geral".

Devido aos esquemas astutos dos EUA, 36.000 soldados desses países satélites foram mortos ou capturados durante a guerra de três anos.

Um tenente francês escreveu em seu diário que "os soldados franceses estavam sendo usados na Coreia como mulas tontas", e que "o principal fardo das batalhas ferozes era carregado por todos, exceto pelos estadunidenses que estavam tentando se aproveitar dos outros". Um oficial não comissionado do 10º Batalhão do exército filipino lembrou que ele e seus companheiros haviam sido tratados como "homens de segunda categoria", e que "durante todo o período da guerra o número de baixas de toda a 3ª Divisão dos EUA era menor do que o das Filipinas".

Os EUA conspiraram para obter lucros como terminar com facilidade a guerra coreana num curto período à custa do sangue derramado pelos soldados de seus países satélites, denominados forças da ONU, mas acabou aumentando o conflito entre os agressores e isolando e enfraquecendo ainda mais os EUA.

Em vez de tirar a devida lição da guerra da Coreia, os EUA têm recorrido até agora a vários meios para realizar

sua política agressiva e vândala em relação à Coreia, arrastando a ONU, organizações internacionais e países aliados e satélites.

Suas Garras Malignas

Os movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana, que dura há mais de meio século, são caracterizados por sua maldade, astúcia e obstinação.

A primeira característica é que tem utilizado organizações internacionais e seus países satélites em suas movimentações.

Os EUA têm envolvido organizações e países internacionais, incluindo a ONU e seus países satélites, na "solução" da questão coreana na arena internacional, construindo assim uma opinião pública de que se trata de uma questão internacional e complicada. Isso porque os EUA têm mais interesse na questão da península coreana do que qualquer outro.

Para os Estados Unidos, é vital tomar a península coreana, que possui uma localização muito importante política e militarmente. Considera que sem tomar a península coreana é impossível realizar sua ambição de dominar o continente asiático, incluindo o nordeste asiático e, além disso, o mundo inteiro. A península coreana é um elo importante em toda a cadeia de seus esforços para a realização de sua ambição de supremacia mundial.

É por isso que os EUA não apenas criaram vários enredos como internacionalizar a questão coreana, mas também manobraram na arena internacional para fazer

com que a questão fosse tratada como é exigida por ele, arrastando a ONU e seus países satélites durante as décadas passadas.

Os EUA criaram uma atmosfera em várias ocasiões em que a RPDC era alvo de pressão internacional, rotulando-a como "parte do eixo do mal", "posto avançado da tirania", "patrocinador estatal do terrorismo", "estado malfeitor" e "propagador de armas de destruição em massa". Também fez frenéticos esforços de várias formas para pressionar a RPDC e impor-lhe sanções, mobilizando a ONU, organizações internacionais e vários países, incluindo os seus países satélites.

Organizações internacionais e países que os EUA arrastaram para a internacionalização da questão coreana não estavam interessados na questão desde o início.

As contribuições dos EUA para a maioria das organizações internacionais por sua operação ocupam uma grande parcela, de modo que não podem deixar de aceitar as recomendações e iniciativas estadunidenses e lidar com a questão coreana sob o poder e arbitrariedade dos EUA.

Similar ocorre com seus países satélites, que seguem cegamente sua política da internacionalização da questão coreana visando assim obter sua mísera "assistência".

Estes fatos revelam claramente a astúcia dos EUA que usam organizações internacionais e seus países satélites para internacionalizar a questão coreana com profundo interesse na península.

Outra característica dos movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana é que, de qualquer forma, recorreu a pressões, sanções e bloqueios internacionais, levando a questão ao extremo, em vez de tentar resolvê-la por meio de discussões e negociações.

Esses movimentos encontraram expressões vívidas em conferências internacionais patrocinadas pela ONU.

De um modo geral, quando é realizada uma discussão sobre problemas de um país na ONU, ela deve ser direcionada a encontrar soluções para isso. Escusado será dizer que, caso contrário, a soberania do país seria lesada e os problemas do país se transformariam em internacionais, tornando-se cada vez mais complicado de resolver.

No entanto, os EUA nunca organizaram conferências internacionais na arena da ONU para discutir soluções adequadas para a questão coreana.

Os EUA já tinham um plano para isolar e sufocar a RPDC. Realizou conferências internacionais apenas em nome, para que seu plano fosse adotado na arena internacional.

Sempre que países refutavam os projetos de "resoluções" sobre a questão coreana apresentados pelos EUA nas conferências internacionais, eles a negligenciavam sem discussões específicas. Então, de acordo com seu cenário pronto, instiga as organizações internacionais e seus países satélites a atuar querendo ou não, alegando que a pressão, sanção e bloqueio internacionais eram a "única maneira" de resolver a questão coreana.

Embora pudesse impor pressão, sanções e bloqueio à Coreia sozinho, com a escusa de que a questão havia sido discutida na arena internacional, os EUA internacionalizaram a questão. Em outras palavras, pretendia que a questão coreana fosse discutida e as "resoluções" correspondentes adotadas em conferências internacionais a fim de obter um reconhecimento formal de que sua política hostil à Coreia contava aprovações

internacionais.

As medidas dos EUA para internacionalizar a questão coreana não se limitaram a uma área específica, mas cobriram todos os campos, desde política, militar, economia e diplomacia, e variaram de método - intimidação e chantagem, pressão, pilhagem, sanções, bloqueio, etc.

Para isolar e sufocar a RPDC, os EUA não permitiram lacunas ou intervalos no tempo e no espaço. Considerava seu direito absoluto dar golpes internacionais sucessivos, negando-lhe qualquer mínima brecha de respiração até terminar de isolá-la e sufocá-la e alcançar sua ambição de dominar toda a Coreia.

Os movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana não se limitaram a um determinado campo, mas cobriram todos os campos.

Os EUA deram um pontapé na internacionalização dos problemas políticos e diplomáticos e tomaram medidas simultâneas para intimidação militar, chantagem e sanções econômicas e bloqueio na arena internacional.

Os EUA não apenas tomaram medidas de todos os tipos para sanções econômicas e restrições, mas também recorreram a todos os tipos de estratagemas políticos usando conferências internacionais, organizações internacionais e meios de propaganda enquanto reuniam seus países aliados e satélites para formar organizações e alianças militares agressivas e intensificar intimidação e chantagem através deles.

Paralelamente, os EUA aplicaram diversos métodos extremamente cruéis, descarados e cínicos, incluindo intimidação, chantagem, pressão, agressão, sanções e bloqueio de acordo com os objetos alvejados.

Os movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana e isolar e sufocar a RPDC na arena internacional são inéditos na história da humanidade, não apenas em termos de meios, métodos e crueldade, mas também de prolongamento.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha fascista e seu aliado, a Finlândia, bloquearam Leningrado, da antiga URSS, por cerca de três anos, a partir de 1941.

No entanto, os EUA impuseram sanções e bloqueios internacionais à Coreia, que não é uma cidade, mas um estado soberano, por várias décadas durante período pacífico, não em tempo de guerra.

De fato, os movimentos dos EUA para internacionalizar a questão coreana são os atos criminosos mais cruéis, agressivos, descarados, astutos, tenazes e obstinados que são inéditos na história da humanidade.

Traduzido pela Associação de Amizade com a Coreia – Brasil em maio de Juche 109 (2020).

Participaram desta tradução:

João Lucas Barbosa
André Serrano
Wander Araujo
Henrique Tavares
Lucas Mendes
Gabriel Garcia
João Pedone
Edson Porto de Carvalho
Guilherme Augusto
Elvis Sabino
Gabriel Tanan
Murilo Borges
Roberto Sant'Andre
Felipe Forte
Matheus

Como a questão coreana se tornou internacionalizada 1

ORIGEM DA QUESTÃO COREANA

Autor: Kim Chol Man
Editor: Kim Jun Hyok
Tradutor: Choe Yong Bom
Direitos Autorais: Edições em Línguas Estrangeiras da RPDC
Publicado em Maio de Juche 107 (2018)

No.88350035

E-mail: flph@star-co.net.kp
http://www.korean-books.com.kp

ISBN 978-9946-0-1728-0
9 789946 017280